

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

## **Oswald de Andrade e Paulo Hecker Filho: Correspondência**

## **Oswald de Andrade and Paulo Hecker Filho: Correspondence**

Éder Silveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** A análise e documentação de periódicos literários brasileiros têm constituído, desde a década de 1960, duas das principais fontes para o estudo da história da literatura nacional entre os séculos XIX e XX. No presente trabalho, fazemos uma breve análise da importância de fontes dessa natureza, a fim de apresentar uma troca de correspondências, ainda inédita, entre Oswald de Andrade e o crítico literário gaúcho Paulo Hecker Filho.

**Palavras-chave:** Revistas literárias; Oswald de Andrade; Paulo Hecker Filho

**ABSTRACT:** Since the 1960s, the analysis and documentation of Brazilian literary periodicals has been one of the main sources for the study of the history of national literature between the nineteenth and twentieth centuries. This paper presents a brief analysis of the importance of such sources in order to show an exchange of unpublished correspondence between Oswald de Andrade and the literary critic Paul Hecker Filho, from Rio Grande do Sul.

**Keywords:** Literary periodicals; Oswald de Andrade; Paulo Hecker Filho

### Notas sobre a correspondência

Nas páginas que seguem, ainda que de maneira breve, gostaríamos de tecer alguns comentários sobre os estudos de periódicos e sua importância no estudo da história intelectual. Após mostrar um pouco da história dessa forma de escrever a história da literatura brasileira, pretendemos situar a importância das revistas literárias no tocante ao modernismo brasileiro para, nesse âmbito, colocar em cena os personagens principais dessa publicação, quais sejam, o escritor Oswald de Andrade (1890-1954), o crítico Paulo Hecker Filho (1926-2005) e a revista *Crucial*, revista literária publicada em Porto Alegre entre 1952 e 1955.

O uso de revistas literárias, bem como da imprensa diária como veículo de debates literários ou político-literários, não foi uma invenção dos intelectuais ligados ao modernismo

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFRGS, com estágio de Pós-doutorado realizado junto ao Departamento de História da USP, com bolsa do CNPq, pesquisa a qual deu origem à presente publicação. Professor da UFCSPA. E-mail: silveira\_eder@yahoo.com.br.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

ou, para falar de modo mais geral, do século XX. Para tanto, bastaria pensarmos nas importantes polêmicas literárias oitocentistas ou mesmo na importância do folhetim na difusão da literatura produzida à época (CASTELLO, 1960; ROUANET, 1991; MEYER, 1996).

A expansão da imprensa, no começo do século XX, contudo, foi inegável, ao passo de importantes inovações técnicas, como métodos de impressão, tipo de publicação e rapidez na distribuição, bem como a formação de um corpo de profissionais dedicados ao trabalho na imprensa, como gravadores, jornalistas e caricaturistas (MICELI, 2001, p. 54). A consequência imediata desse processo foi a chegada ao mercado de um número maior de publicações cada vez mais segmentadas (esportes, femininas, literárias, operárias), tiragens maiores, ainda que, muitas vezes, produzindo revistas efêmeras (MARTINS, 2001).

Nesse movimento surgiram muitas das revistas literárias de que hoje temos notícia, especialmente no Rio de Janeiro, capital do país e centro mais cosmopolita no momento, e em São Paulo, que, nas primeiras décadas do século XX, começou seu processo de expansão econômica, que logo significaria a solidificação de sua hegemonia cultural. Na passagem que segue Werneck Sodré procurou sistematizar algumas das publicações literárias que surgiram nesse momento. Segundo ele,

Essa fase, entretanto, entre a Campanha Civilista e o Após-guerra de 1919, assinalou importantes transformações na imprensa. Apareceram, vivendo pouco, revistas como *O Filhote da Careta*, em 1910; *O Riso*, que se mantém em 1911 e 1912; *Faceira*, que agüenta de 1911 a 1917; *A Caricatura*, *A Semana* e *O Rio-Ilustrado* que circulam em 1913; *S. Excelência*, que vive apenas em 1914; o mesmo acontecendo com *O Rio-Chic*, em 1917, *O Pasquim*, em 1918, *Guanabara*, *A Rajada*, *Zum-Zum* e a *Revista Nacional*, em 1919. *A Cigarra* circula em S. Paulo, de 1914 a 1917, e no Rio, de 1917 a 1919; a *Revista do Brasil*, nessa fase, mantém-se de 1916 a 1944, *A Atualidade* vai de 1919 a 1927; *Para Todos*, em sua primeira fase, de 1919 a 1932. Com os jornais acontece o mesmo: a maioria tem vida curta, como *O Rio* e *A Luta*, que só circulam em 1915; outros duram mais: *O Imparcial* vai de 1912 a 1929; *A Rua* de 1914 a 1927; *A Razão*, de 1916 a 1921; o *Rio-Jornal*, de 1928 a 1924, *A Folha*, de 1919 a 1926. A revista de caricaturas *D. Quixote* apresenta nova fase então, de 1917 a 1927. A imprensa brasileira vai viver, daí por diante, uma nova fase, difícil, conturbada, pontilhada de movimentos militares de rebeldia, agitada por campanhas políticas de extrema violência – tudo aquilo que, no fim das contas, prepara a Revolução de 1930, divisor do desenvolvimento histórico brasileiro, marco de nossa existência (SODRÉ, 1999, p. 355).

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

Uma comparação, ainda que rápida, entre as linhas gerais do periodismo cultural brasileiro do século XIX e as daquele criado pelos modernistas revela singularidades importantes. A contribuição de escritores nos jornais que circulavam no século XIX estava, em geral, concentrada nos folhetins ou quando de alguma polêmica político-literária.

Em contrapartida, ao acompanharmos as plataformas dos periódicos literários e culturais modernistas, poderemos, facilmente, concluir que, em primeiro lugar, por meio deles, seus autores buscavam consagração simbólica junto a um público muito mais especializado e, em segundo lugar, que tais periódicos configuravam-se como um verdadeiro campo de batalhas no interior do que, genericamente, chamamos de “modernismo”.

Logo, é possível afirmar que, seguindo as pistas das publicações modernistas, somos capazes de reconstruir os passos de seus autores, as polêmicas e as alianças que acabaram por definir o campo literário pós-1922. Essa marca pode ser encontrada em publicações como *Klaxon* (1922-23), revista paulista dirigida por Mário de Andrade; *Novíssima* (1923-26), revista dirigida por Cassiano Ricardo e Francisco Pati; *Estética* (1924-25), publicação carioca que teve como diretores Sergio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto; a também carioca *Festa* (1927), revista em que estreou, entre outros autores, Cecília Meirelles; e a *Revista de Antropofagia* (1928-29), publicação paulista dividida em duas fases ou denticões, a primeira dirigida por Alcântara Machado e Raul Bopp e a segunda pelo “açougueiro” Geraldo Ferraz.

A *Klaxon*, abre-alas dos periódicos modernistas, e como bem frisou Augusto de Campos, a mais bela dentre eles, já no texto de abertura, assinado pela Redação, afirmava sua filiação tanto às lutas iniciadas nas páginas do *Jornal do Comércio* e do *Correio Paulistano* quanto à *Semana de Arte Moderna*, de 1922. *Klaxon* era uma consequência da *Semana* e representava uma radicalização de alguns de seus pressupostos, como a afirmação do novo e a busca de um espaço de pesquisa estética permanente. Clamava por liberdade em passagens como esta, na qual os redatores negavam a sua vinculação com escolas literárias e artísticas: “*Klaxon* não é exclusivista. Apesar disto jamais publicará ineditos maus de bons escriptores já mortos. *Klaxon* não é futurista. *Klaxon* é klaxista”<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Editorial da Revista *Klaxon*, 1922. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 5 ed. Petrópolis, Vozes, 1976. p. 235.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

Os passos seguintes dos modernistas foram dados no sentido de espalhar o movimento. Se nas páginas de *Klaxon* o nome de Sergio Buarque de Holanda era indicado como representante da revista, em 1924, quando a pioneira já deixara de existir, será ele, ao lado de Prudente de Moraes Neto, o responsável pela criação de *Estética*. Ainda que efêmera, pois contou com apenas três números, a revista pôde acolher em suas páginas contribuições de nomes, como Mário de Andrade, Sergio Milliet, Graça Aranha, Manuel Bandeira e Guilherme de Almeida, entre tantos outros.

Fora do eixo Rio-São Paulo, ocorreram manifestações importantes, configurando a dimensão nacional do movimento modernista, por mais heterogêneo que fosse. Revistas surgiram em diversas partes do país, cumprindo destacar a *Madrugada* (1926), em Porto Alegre, encabeçada, entre outros autores, por Augusto Meyer e Sotéro Cósme. Em Minas Gerais nasceram periódicos influentes, como *A Revista* (1925/26), *Verde* (1927-29), de Cataguases – esta que teve como um dos seus criadores o mineiro de nascimento e gaúcho por adoção Guilhermino Cesar –, além do jornal *Leite Criolo* (1929), de Belo Horizonte. Juntando-se a essa geografia do modernismo, não devemos esquecer *Arco e Flecha* (1928/1929), publicado na Bahia.

Todas essas publicações da chamada “fase heróica do modernismo”, que vai de 1922 a 1930, tem importância capital não só para a compreensão da história da literatura brasileira bem como por suas interfaces com a cultura e a política da época. O primeiro esforço sistemático de estudo e de interpretação da importância de uma parte desse conjunto de revistas literárias foi levado adiante pelo IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) da USP (Universidade de São Paulo), em um projeto liderado pelo professor José Aderaldo Castello entre as décadas de 1960 e 1970.

Se, já no final da década de 1950, Castello vinha publicando coletâneas de ensaios e polêmicas literárias, em um arco que compreendia o romantismo e o modernismo paulista (CASTELLO, 1959), uma década depois, no programa de pós-graduação em Letras da USP, desenvolveu um projeto de sistematização dos periódicos literários com o foco fechado sobre o modernismo, salvo em dois trabalhos, quais sejam, o de Antonio Dimas e o de Cecília de Lara. Desse projeto resultou um conjunto de dissertações de mestrado e teses de doutorado,

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

cada uma dedicada a um periódico literário modernista. Esse conjunto de monografias, mais tarde publicadas pelo IEB, em sua maioria com prefácio de Castello, seguiu um “Roteiro de Pesquisa”, de análise presente no projeto original e sintetizado na apresentação escrita por esse autor para *Lanterna Verde e o modernismo* (NAPOLI, 1970).

Nesse prefácio, Castello destacava a importância, tratando-se de história da literatura, do "estudo da evolução das idéias críticas, atitudes e preferências que marcam e caracterizam os sucessivos movimentos literários entre nós", sendo que para levar a cabo essa tarefa, "o campo principal a ser explorado é sem dúvida o representado pelos periódicos – revistas e jornais, tidos como expressão de 'grupo literário' fechado ou aberto, nos limites ou não de sua respectiva geração" (CASTELLO, apud NAPOLI, 1970, p. 5). E essa tarefa foi, em grande parte, realizada com o aparecimento dos resultados das pesquisas orientadas por Castello ou inspiradas no trabalho de seu grupo (NAPOLI, 1970; LARA, 1971; 1972; CACCESE, 1971; DIMAS, 1983; GUELFY, 1987).

Oswald de Andrade

Procurando, agora, centrar a nossa atenção nos dois polos de interesse deste texto, há que harmonizarmos os anos finais da carreira literária de Oswald de Andrade, para quem o jornalismo foi a única constante na trajetória desse "homem sem profissão" com os primeiros esforços literários de um grupo de jovens literatos porto-alegrenses, quais sejam, Paulo Hecker Filho, José Paulo Bisol, Vera Mogilka e Lineu Dias, reunidos em torno da revista *Crucial*, criada por esse autores em 1952.

No que diz respeito a Oswald de Andrade, importa dizermos que sua carreira literária passou por duas grandes inflexões, sendo a primeira caracterizada pelos seguintes fatos: a sua adesão ao comunismo em 1930, em um momento conturbado, marcado pela Crise de 1929, na qual o autor perdeu parte de seus bens; o final de seu relacionamento com Tarsila do Amaral, seguido de seu casamento com Patrícia Galvão; e a ruptura do escritor com parte de seus antigos companheiros de rodas literárias, em parte motivada por sua adesão ao comunismo e ao PCB.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

Nesse movimento, Oswald de Andrade buscou reinventar-se como autor. Abandonou, progressivamente, as suas experiências formais, procurando aproximar-se, na prosa, de uma narrativa um pouco mais naturalista; na poesia, de versos mais engajados; e no jornalismo, de um texto mais político. Chegou, nos anos 1940, a candidatar-se duas vezes a Deputado Federal.

A segunda guinada na carreira literária de Oswald de Andrade processou-se na década de 40. Nessa década, em função de sua discordância com relação a orientações tomadas pela URSS e pela proximidade do PCB ao que era ditado pelos soviéticos, Oswald passou a questionar algumas das principais decisões dos comunistas brasileiros, em um processo de desgaste que chegou ao seu limite no período 1944-1945, quando Andrade declarou seu desligamento do PCB.<sup>3</sup>

## Paulo Hecker Filho e a revista *Crucial* (1951-1954)

A revista *Crucial* foi publicada em Porto Alegre por Paulo Hecker Filho, José Paulo Bisol, Lineu Dias e Vera Mogilka. Se tentássemos caracterizá-la, diríamos que se tratava de uma revista literária séria. A diagramação e o trabalho gráfico eram simples, porém elegantes. Sem ilustrações nas suas páginas, tinha na capa um cabeçalho sempre igual com uma ilustração que variava a cada número. Nesse aspecto, em pouco lembrava as principais publicações modernistas de São Paulo, do Rio de Janeiro ou mesmo a sua antecessora gaúcha, *Madrugada* (1926).

Todos os números traziam contos, poesia e a parte de crítica literária. A partir do número 2, publicado em junho de 1952, abriu-se uma seção de cartas, onde eram publicadas aquelas enviadas por Paulo Hecker, assim como as recebidas.

Em entrevista realizada com José Paulo Bisol, em fevereiro de 2009, procuramos explorar as principais influências dos fundadores da revista. Segundo Bisol, o clima intelectual que mais os motivava era o existencialismo sartriano, sobre o qual liam muito naquele período, segundo afirmou. O entrevistado frisou o papel desempenhado por Hecker

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, ver: Silveira (2009, p. 363-386).



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

na criação da revista, assumindo um papel de liderança sobre o grupo, em que pese todos terem idades bastante aproximadas – na casa dos vinte anos de idade. Outro aspecto que procuramos explorar nessa entrevista, diga-se de passagem, bastante esclarecedora, na medida em que não foi possível localizar produção acadêmica que sequer mencionasse *Crucial*, foi a posição daquele grupo com relação à literatura no Rio Grande do Sul. Bisol destacou que a conheciam, consumiam, mas sempre colocando-se criticamente frente às tendências de mais pronunciado regionalismo. Frisou que o grupo não era excessivamente reverente ao que se produzia no Estado naquela época, nem a autores, nem a temas consagrados da prosa regionalista. Nesse tópico, Bisol destacou muito o desejo de fazerem algo mais universal e menos preso aos limites do regionalismo. Essa preocupação ficou bastante clara no texto de apresentação do primeiro número da revista, de dezembro de 1951.

Nesse texto, merece destaque a repetição da frase "Por enquanto quatro. Apenas quatro" (O vôo *Crucial*, *Revista Crucial*, 1951, p. 3), para indicar o quanto a iniciativa reformadora partia do desejo de um grupo pequeno, ainda que houvesse o desejo de extrapolar as fronteiras do Rio Grande do Sul. O programa exposto nesse texto, intitulado "O vôo *Crucial*", era claramente polêmico. Dizia: "Queríamos que alguém compreendesse, ao menos, que um dos resultados a que devemos chegar é o de constituir uma literatura no Rio Grande." (*Revista Crucial*, 1951, p. 3). Segundo os autores, não havia literatura no Rio Grande do Sul, exceto "casos isolados como os de Veríssimo, Quintana, Simões, Maia." (*Revista Crucial*, 1951, p. 4). Ora, mas esse intuito reformador não se restringia ao Rio Grande do Sul. Desejavam os criadores ligar-se ao debate literário travado no centro do país. Diziam eles:

Reclamamos um papel nacional, mas com malícia. Os asnos continuarão pastando papel impresso no Brasil, completamente indiferentes a nossa existência ou a qualquer outra. Nada, porém, esperamos deles, e sim de alguns solitários, de alguns descontentes com esta literatura nossa atual, aguada, urinada, que, com raras exceções, nem cria o problema do homem, e subsiste, sub-existe, como um balbuciar de incapazes para a vida (*Revista Crucial*, 1951, p. 4).

Conduzimos o final da entrevista para discussão sobre a tentativa, por parte dos escritores, perceptível quando se leem os cinco volumes de *Crucial* em conjunto, de se aproximarem de autores e de problemas literários do centro do país. Nesse tópico, Bisol afirmou, sendo citado na íntegra:

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

Muito da motivação para a criação da revista devia-se ao exemplo do modernismo paulista e dos seus desdobramentos no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Para Paulo Hecker, assim como para todos os demais, a obra e as ideias de Mário de Andrade tinham um peso bastante grande. (Informação Verbal)<sup>4</sup>

## A correspondência

O conteúdo desta parte, reproduzido conforme a ortografia da época, trata de uma troca de correspondência mantida por Oswald de Andrade e Paulo Hecker Filho, em nome da revista *Crucial*. Refere-se a um conjunto pequeno de cartas, duas delas assinadas por Oswald de Andrade, datando de 25/09/52 e de 30/11/52, e quatro de Paulo Hecker Filho, sendo datadas de 14/11/52, 27/11/52, 04/12/52 e 27/03/54. As duas cartas de Oswald de Andrade e as três primeiras de Hecker foram publicadas em *Crucial*, número 4, de janeiro de 1953, e a última, no número 5 da revista, de junho de 1954, sendo que este encerrou as atividades do periódico.

---

---

São Paulo, 25/09/52

Paulo Hecker Filho

O negócio foi assim – depois de uma crise cardíaca que me pôs de cama por mais de um mês (um coração não deu para as vidas que vivi!) fui ao Rio e no Hotel estiveram Carlos Drummond e Ciro dos Anjos. E para a minha surpresa, eles rasgaram o jogo bruto de vocês, aí em Pôrto Alegre. O Ciro escreveu num papelzinho e endereço do Guilhermino César que me poria em contato com vocês, inclusive com uma moça (Vera?) que é “grande prêmio Serafim Ponte Grande”. Mas veio a carta e um número da “Crucial” para meu próprio endereço. Por que um número só? Da descompostura no Sérgio eu já sabia. Mande-me tudo o que vocês fizeram. Afinal o Brasil recomeça sem os temperos insossos e polidos do Sérgio a quem sempre acusei de cara por ser uma velha ama de leite do medíocre nacional.

Mais longamente mandarei o que sinto de “Crucial”. Já não gostei de vocês pactuarem com a nossa Bertha Singerman convertida – o Schmidt e com o “chulé de Apolo” que é o Lêdo Ivo. Vocês fazem outras injustiças – com o Corção, o de “Lições de Abismo” que não tem nada com o “outro” nem com a vaca. Os católicos e os reacionários também são contra as “Lições” - Álvaro Lins, Tristão de Ataíde. E da “Papoula Preta” (Jorge de Lima) vocês gostam?

Espero o livro da menina e coisas, muitas coisas de vocês. E sou apaixonadamente o

Oswald de Andrade.

---

---

Pôrto Alegre, 14/11/52

Caro Oswald de Andrade.

<sup>4</sup> Entrevista realizada pelo autor com José Paulo Bisol, pelo telefone, no dia 21/02/2012.



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012

ISSN: 2176-5782

Grande prazer receber seus livros! Aconteceu um extravio de nota do registrado e só ontem afinal o Lineu me entrou pela casa: - Do Oswald de Andrade! Do Oswald de Andrade! - com o pacote sob o braço. Já distribuí os volumes com as divertidas dedicatórias impessoais.

Você pede o que fazemos. Ponho no correio os nos iniciais de “Crucial”. O resto da turma ainda não publicou em livro, apesar do Lineu ter *volumes* de diário, o Bisol poemas aos montes, a Vera horrores de todos os gêneros... Mas eu já tenho cinco livros editados. Lhe mandei há tempos o primeiro e não sei se o segundo para a Livraria Martins, com carta ou dedicatória-carta. Recebeu? Se não, diga os que deseja, que eu mando – todos até. Para o fim do ano, sai um sexto, de crítica, que irá logo apareça (sic).

Pretendo fazer uma carta ou um artigo quando termine de ler o que me mandou, de modo que esta é mais pra agradecimento. Com a revisão, tôda por mim, do novo livro e o trem de vida indoméstico que levo, isso demorará um pouco, desculpe. Entretanto, me agradaria comentar a sua carta.

Gosto das apóstrofes cortantes com que você esbofeteia aqueles autores nossos. Sobretudo as de Lêdo Ivo, Schmidt e Milliet. Mas são injustas porque limitadas: pegam apenas um lado não - essencial de cada um. As apóstrofes célebres que vasculho na memória, reparo que também são incompletas. Será um defeito do gênero. Seu valor consiste, quando conseguem ser humorísticas como as suas, na anarquização, na desmoralização do apostrofado. É preciso um sadismo adolescente para cultivá-las: eu não o tenho assim em estado de pureza como você. Claro que tenho um pouco, mas na onda de reivindicação moralizadora que comando minhas tropas de assalto... E êsse pouco permite já que me ria com você – um instante forte, imoral (por cometer uma injustiça em nome dum relâmpago subjetivo), esperto e divertido. Dum divertimento que esconde uma vitalidade que admiro: entregue a si mesma, sem as complicações dum senso de responsabilidade adulto, duma vitalidade como deve ser para ser louca e vital – adolescente, infantil.

Acho-o sempre bastante perto do surrealismo – êste apêlo maravilhoso à vida. Mas suspeito em você uma inabalável adolescência, isto é, uma incapacidade de integração da personalidade, uma falta de harmonia, um caos. É possível que em seus últimos trabalhos eu encontre uma superação dessa atitude como parecia ter acontecido quando li suas respostas àquele inquérito sobre o mundo atual (46?), e que você haja regredido por condescendência conosco, “meninos”, durante um momento de sua carta. Não sei. De qualquer forma esta harmonia que lhe falta, torna-o poderosamente interessante. E faz talvez da crônica – que lhe deve interessar rapidamente – o seu gênero inato.

Bem, basta para uma carta que não quer ser crítica... Escreva que nos dará sempre prazer. Forte abraço.

Paulo Hecker Fº

---

Porto Alegre, 27/11/52

Recebeu minha carta? Já li alguns dos seus livros: o “Serafim”, as “Poesias Reunidas”, a tese messiânica. Nesta última há coisas inteligentes ao lado de ousadias bastante malucas, de modo que me perdoe se no fim não pude levá-la totalmente a sério. Nas poesias você está um tanto coibido pelo trabalho estético da concisão versística, e dá apenas um pouco de você. No “Serafim”, sim, ôh livro doido, sinto-o mais completo, e pleno de humorismo pantagruélico. Nada a dizer contra o corajoso falismo dêste livro, mas muito a dizer contra o quase só falismo de você ao escrevê-lo. Nêle você está em ereção, e é uma pena que não transcenda disso, que se afirme apenas como animal copulante, sem se dar literariamente ao trabalho de pensar a poesia e a filosofia inclusas na sua escolha para cima. Fica gozando o escândalo, e o escândalo embora momentaneamente saboroso às vezes, pouco significaria do ponto de vista sério do julgamento dum autor.

Ai, você já deve estar me condensando num de seus tapas apostróficos, por exemplo – a metafísica marmelada do sulina. Mas venha de lá: sou o tipo do espírito monástico, mas me esforçando por viver a vida em sua verdade, para que ela passe por mim sem empecilhos ou com êles derrubados.

Gostaria de conhecer “João Miramar”. Sobra algum aí? Ou você nada quer saber mais da gente?... Seria engraçado publicar nossas cartas em “Crucial”, topa? Então escreva outra para finalizar.

Um abraço do

Paulo Hecker Fº

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

---

---

São Paulo, 30/11/52

Paulo Hecker Fº

Quem foi que falou em condescendência? É um sentimento que desconheço. Para fortes como vocês, só abraço ou tapa.

Nunca recebi coisa alguma sua ou do grupo. Mande tudo urgente.

Vocês publicariam uma carta minha, violenta, contra certa imundície paulista? Em que número da magnífica “Crucial”?

Pena vocês não morarem em São Paulo para endireitar esta merda!

Seu, seu e da Vera e de todos daí,

Oswald de Andrade

---

---

Porto Alegre, 04/12/1952

Nosso caro Oswald de Andrade.

Diante de sua pequena carta, fico pensando na coragem necessária para uns cinquenta anos aceitarem assim uma coisa de novos. Um ou outro cinquentão já se referiu à Revista usando adjetivos como o seu, mas a bem dizer provisoriamente, sem se responsabilizar, temendo a emoção crítica de afirmá-los com sincera plenitude. É preciso coragem, isto é, gloriosa confiança em si, para dizer o que nos disse no tom em que o fez. Somos, sou-o eu ao menos, demasiado desconfiantes de nós mesmos para que o reconhecimento alheio tenha uma alçada além de momentânea. Mas quanto a você, aprecio-o pelo que há de sério num espírito capaz de abrir crédito a quem socialmente não pode reivindicá-lo em razão da própria juventude, pelo simples fato de lhe parecer que o merecem.

Claro que publicaremos a sua carta. A responsabilidade dela correrá inteiramente por sua conta, como não pode deixar de ser, pois nem sabemos do que trata. Mas em tese “Crucial” está aberto para toda tentativa de moralização, de “anti-imundície”, e também nós lhe concedemos de antemão o crédito de crer que em sua carta “violenta” se trata realmente disso. Mande-a logo para sair no quarto número já quase pronto.

Ponho-lhe no correio comum os meus livros. E receba um abraço do

Paulo Hecker Fº

---

---

Porto Alegre, 27/03/54

Serafim Ponte Grande

Oswald de Andrade,

você é mesmo um eruptivo! Li uma carta contando o encontro com você num salão “literário”... - como o mundo é macio para as suas erupções! Em que coisa você não deve transformar um salão de esnobismo! - e me convenci da sua loucura. Isto o deve fazer um tanto solitário, não é mesmo? E até desesperado. Sim, trata-se de uma teoria. Reli “Serafim Ponte Grande”, o mais *único* de seus livros, o mais importante do ponto de vista da literatura como originalidade que é:

A posição do autor, “Tudo pela posse real da vida!” (pág. 35), denuncia um frenesi que nenhum Pitágoras equilibraria. A êsse frenesi só uma resposta vital embriagadora, vulcânica, poderia responder. O sexo é bastante largo para contê-la se se consegue imaginar uma frase como esta para descrever um coito: “E o corpo

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

que desfalece como o de Cleópatra nos braços de César Bórgia” (36). Você sexualmente se atira, ousa tudo, para tornar a sua vida “um romance de Dostoievski” (36). Será uma calamidade? Que importa? Tudo pela posse real da vida!...

Fundamenta tal posição a irritação com a mentira, a covardia, o retoricismo, a literatura oblíqua e perfumada... Bilac e Coelho Neto ficam sendo “remotas alimárias”, Cendrars, “um palhaço”, etc., etc. “Ó criadores das elevações artificiais do destino, eu vos maldigo! A felicidade do homem é uma felicidade guerreira. Tenho dito. Viva a rapaziada! O gênio é uma longa besteira! (134). Você não pode suportar a literatura. Ela não arca com a vida que você quer viver freneticamente e na verdade. Então é bombardear com ela e acreditar na vida, viver. “Serafim Ponte Grande” não é um romance, como diz a capa, ah, longe disso! você vomitaria um romance. “Serafim” é a confissão glorificada da sua vida, pisando em cada movimento o conceito de romance, exagerando, rindo, cantando, e erguendo-se com o desafio da pornografia e do desafio contra tudo o que lhe causa nojo.

Mas o que essencialmente lhe causa nojo? Você mesmo, é claro. Um nojo tão ubíquo, tão lapidante, tão cruel, só pode ser sobretudo de você mesmo. Se a gente se ama, exclui-se do meio enjoante e escreve livros seráficos. Mas você está “enjoado de tudo” (9), e cada palavra sua desperta ao fim nojo, é nojo. E aí lhe encontro o melhor, e por isso considero “Serafim” um livro que responde a um urgente postulado moral do autor.

Paremos mais um pouco nesse ponto.

A vida é um nojo para todo o indivíduo de sensibilidade. Mas se este fôr também um homem, saberá arcar com este nojo. Estando comprometido com a vida, isto é, sendo realmente humano ou caridoso ou decente, se responsabilizará na medida da própria amplidão de si mesmo pela vida nojenta, descobrindo naturalmente o sublime que pode se levantar sobre o pântano, o sublime por exemplo que ele mesmo está vivendo ao escrever com tal responsabilidade e tal coragem. Um livro de Sartre, para citar o mais consciente dos exemplos que pudesse referir, é um ato sublimemente moral na aceitação que implica de todo o nojo da vida. Os homens estão próximos, e esta proximidade, nos seres verdadeiramente morais como Sartre, significa uma cumplicidade, pois temos o poder de modificá-los – somos comunicáveis –, e em última instância o dever de tentar conduzi-los, ainda que fiquem surdos aos nossos apelos. E é admirável em Sartre como descobre a flor capaz de legitimamente crescer sobre o lodo. Como aponta o caminho para a redenção e redime o humano.

Bem, separa-o de Sartre, Lawrence, Céline ou outros, a falta de gênio... Mas riremos disso também: “o gênio é uma longa besteira!” Se bem que você consiga alguma coisa. Duas, para ser preciso: a notação inesperada, maliciosa, pornográfica ou simplesmente gaiata, e que dá ao livro um ritmo exteriormente saltitante, atrativo, e interiormente humorístico; e essa poesia vital, que os rigorosos excluem da Poesia, radicada no seu desejo de arrebatá-las as mesmas raízes da vida, viver, viver.

O que torna “Serafim” de importância apenas brasileira – que limitação... – é ter você rolado demais nesse desejo de viver, sem dar o tempo íntimo de transformar aquela poesia-documento em Poesia e a sua atitude pessoal, fatal e justa como penso estar evidenciando, em pagamento a valer objetivamente, enfim em pensamento.

Você apenas rolou. Mas como rolou corajosamente, ó Serafim! Não é o momento de dar nota ao trabalho do escritor, e sim o de compreender o homem, naturalmente mais do que em geral é compreendido, de modo que me resta até a esperança de fazê-lo figurar bem aos olhos do sexagenário Oswald de Andrade, ó Serafim. Talvez até o velho o admire...

Nascendo de uma exigência moral, o livro moraliza. Não, claro, a uma filha de Maria, mas a alguém bastante aberto para a vida e sensível para lhe conhecer o terror e a náusea; a mim mesmo por exemplo. Saiba que armazeno energias de resistência moral lendo as loucuras deste neto de Macunaíma. A existência me sobe à garganta, aflijo-me, uma elegia, uma elegia! brada a minha suicida delicadeza. Mas não; sou também indelicado como um desesperado; não: dançar, brigar, desaforar, castigar... Só que às vezes não tenho perto quem o mereça e se dá o caso de eu pegar no “Serafim”; com quatro ou cinco piadas, já me sinto de novo forte, moralmente restabelecido. Ah, a vida é uma droga, e se precisa o desempenho de gargalhar gigantescamente dela, continuando a viver como se nada, auto-embriagado de resistência ridente. “Sou o único cidadão livre desta formosa cidade, porque tenho um canhão no meu quintal” (44). Não tenha dúvida: “Serafim Ponte Grande” me é muito mais edificante do que Sta. Teresa de Jesus...

Li para um jovem pederasta alguns dos trechos mais divertidos do livro. Ele achou sinceramente “uma barbaridade”. Sou levado a crer que a moral convencional tem indubitáveis paladinos entre os pederastas, como

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

entre as prostitutas também. Pobrezinhos, como levam a sério o que os figurões propalam levando tão pouco a sério! Que gente mais dramática e intensamente reacionária, apesar da revolução que pretendem estar fazendo, meu Deus! Mas eu, que não tenho o respeito deles e sei o cretinismo dos figurões, acho engraçadas, acho justas as suas rabelaisiadas. Expliquei ao jovem a razão que atrás lhe disse dum livro como êste. Aceitou-a, continuando a achar contudo que ninguém tinha o direito de escrever assim. Então, escandalizei-o: – Vou escrever neste tom! – Reprovou-me com legítima amizade. Insisti: – canso de ser tão higiênico, decoroso, literário. Vou acabar com esta ordem, caotizar a desordem do mundo para fazê-la evidente e irrespirável, para que se sinta a necessidade de superá-la. Não me interessa ser mais um escritor, apenas um escritor... Quero quebrar, quero resistir a sôcos à imoralidade, ao mundo, à vida! – O rapaz se atribulava: – Não, não! O que pensariam! - Pensassem o que pensassem, sofresse eu o que sofresse: a vida merece uma sova!

Mas agora vou ser também compreensivo comigo como estive sendo com você: é esta fundamente a atitude de todos os meus livros, embora disfarçada pelo teorismo intelectual e a imaginação em vias de ser poética...

E fim do impulso de lhe escrever, Oswald. Só uma frase de Henri Michaux no ouvido: “O homem branco possui uma qualidade que lhe fez abrir caminho: o irrespeito”. E sob o signo divinamente criador da falta de respeito, lhe aperta a mão o

Paulo Hecker Filho.

## Referências

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*: sob as ordens de mamãe. 2 ed. São Paulo: Globo, [1954] 1991.

CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa*: contribuição para o estudo do modernismo. São Paulo: IEB, 1971.

CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960.

DIMAS, Antônio. *Tempos eufóricos*: análise da Revista Kosmos. São Paulo: Ática, 1983.

GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima*: estética e ideologia na década de vinte. São Paulo: USP, 1987.

LARA, Cecília de. *Nova Cruzada*: contribuição ao estudo do pré-modernismo. São Paulo: IEB, 1971.

\_\_\_\_\_. *Klaxon e Terra Roxa*: dois periódicos modernistas de São Paulo. São Paulo: IEB, 1972.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2001.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

MEYER, Marlise. *Folhetim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: IEB, 1970.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. São Paulo: Siciliano. 1991.

SILVEIRA, Éder. Oswald ponta de lança. Antropofagia e imaginação política na década de 1940. *Revista de História*, n.160. São Paulo, p. 363-386, jun.2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Mauad, 1999.